



Em nosso último encontro vimos como o pensamento científico – um tipo específico de produção cultural e portanto um resultado do Mandato Cultural (Gn 1.26,28) – manteve uma relação com a fé cristã que foi da proximidade para o antagonismo. Contudo, em uma cosmovisão cristã podemos articular um relacionamento entre fé e ciência de tal maneira que

ambas não sejam inimigas, embora essa relação seja complexa.

A primeira coisa que precisamos destacar é que grande parte de alguns discursos tidos como científicos – ou seja, conhecimento construído sobre o rigor de uma teoria que deriva de leis perceptíveis e que é comprovada por experimentos metódicos – não passa de meras formulações teóricas que não possuem qualquer comprovação real e científica. Teorias como a do Big Bang, o surgimento espontâneo da vida e a macro evolução demonstram ainda hoje uma carência de provas empíricas, que é um pilar fundamental do conhecimento científico.

Vejamos, por exemplo, a questão do surgimento espontâneo da vida na Terra. As pesquisas a respeito das condições necessárias para o surgimento da vida foram encaminhando os cientistas para algumas condições ambientais reguladas com uma precisão incrível para que houvesse vida na Terra. Pequenos detalhes, como o nível de oxigênio na atmosfera (21%), a rotação de 24 horas da Terra e a inclinação de 23° do seu eixo se mostraram perfeitamente regulados para que haja vida na terra. Uma mudança milimétrica e pronto: adeus vida na Terra.

Essas condições ambientais receberam o nome de constantes antrópicas, ou seja, condições que devem ser constantes para que haja vida humana na terra. Atualmente conhecemos 122 constantes antrópicas. Para você ter uma noção do ajuste preciso que foi realizado para haver vida sobre a Terra, vou citar uma passagem (aliás, mais uma) quase paralisante do livro “Não tenho fé suficiente para ser ateu”: “O astrofísico Hugh Ross calculou a probabilidade de que essas e outras constantes – 122 ao todo – pudessem existir hoje em qualquer outro planeta no Universo por acaso (i.e., sem um projeto divino). Partindo da ideia de que existem  $10^{22}$  planetas no Universo (um número bastante grande, ou seja, o número 1 seguido de 22 zeros), sua resposta é chocante: uma chance em  $10^{138}$  – isto é, uma chance em 1 seguido de 138 zeros! Existem apenas  $10^{70}$  átomos em todo o Universo”.<sup>1</sup>

Ou seja, alegar que o universo surgiu do nada e que a vida na terra simplesmente surgiu devido ao encontro de uma enormidade de fatores que aconteceram na mesma hora e lugar guiados pelo nada é um ato de fé descomunal. Por isso Geisler e Turek brincam: há de se ter muita fé para ser ateu.

No campo da biologia, a descoberta do DNA marcou um novo momento de reflexão sobre a teoria de Darwin. O DNA contém as “instruções codificadas que determinam a herança de uma característica específica ou um grupo de características que são transmitidas de uma geração a outra”.<sup>2</sup> Isso significa dizer que o DNA contém informações necessárias para a constituição do ser vivo e portanto é essencial na formação de todos os seres do nosso planeta. Sua função é dizer para as células e tecidos o que eles vão montar, que tipo de ser vivo eles vão gerar a partir da informação contida no DNA.

Como você já pode imaginar todos os seres vivos, dos mais básicos, como uma ameba, até os mais complexos, como você e eu, possuem um DNA. A cor de seus olhos, de seus cabelos e de mais uma infinidade de características físicas estão contidas no seu DNA. É por isso que mesmo com várias de suas células morrendo e outras tomando seu lugar, você não acorda e de repente seus cabelos mudaram de cor nem sua pele ficou mais clara ou morena.<sup>3</sup>

Seu corpo não se esquece das informações<sup>4</sup> na hora de substituir os tecidos por causa do DNA. Logo, o DNA é informação.<sup>5</sup> Mas quanta informação? Richard Dawkins, famoso tanto por ser um brilhante cientista na área de zoologia quanto um neo-atéista convicto, afirma que a quantidade de informações contidos no DNA de uma pequeníssima ameba unicelular é superior ao número de informações contidos em mil conjuntos completos da Enciclopédia Britânica, sendo que cada conjunto possui 30 volumes!<sup>6</sup>

Logo, para o surgimento de vida de maneira espontânea, por menor que seja, é necessário que você agrupe toda essa informação para que repentinamente elementos químicos inanimados façam explodir a centelha da vida na Terra. Tudo isso ao acaso, obviamente.

Tudo bem. Vamos novamente passar por cima de toda essa questão e considerar que seja possível que isso aconteça. Suponhamos que por uma tremenda coincidência todos esses 30.000 livros de informação se encontrem no mesmo lugar, no

<sup>1</sup> GEISLER, Norman L.; TUREK, Frank. *Não tenho fé suficiente para ser ateu*. São Paulo: Editora Vida, 2006, p.108

<sup>2</sup> GEISLER, Norman; BOCCHINO, Peter. *Fundamentos Inabaláveis: resposta aos maiores questionamentos contemporâneos sobre a fé cristã*. São Paulo: Editora Vida, 2003, p.118

<sup>3</sup> GEISLER, Norman; BOCCHINO, Peter. *Fundamentos Inabaláveis: resposta aos maiores questionamentos contemporâneos sobre a fé cristã*. São Paulo: Editora Vida, 2003, p.118

<sup>4</sup> Norman Geisler e Peter Bocchino apresentam de maneira detalhada o DNA como informação em sua obra “Fundamentos Inabaláveis”, mostrando que há uma correspondência total entre o código genético e sistemas de comunicação que utilizam o sistema lógico-matemático (GEISLER, Norman; BOCCHINO, Peter. *Fundamentos Inabaláveis: resposta aos maiores questionamentos contemporâneos sobre a fé cristã*. São Paulo: Editora Vida, 2003, p.123-128)

<sup>5</sup> LOURENÇO, Adauto. *Como tudo começou? Uma introdução ao criacionismo*. São José dos Campos: Editora Fiel, 2007, p.51

<sup>6</sup> GEISLER, Norman L.; TUREK, Frank. *Não tenho fé suficiente para ser ateu*. São Paulo: Editora Vida, 2006, p.118

mesmo instante e então bingo! Vida! Ok. Só tem um problema: ao que tudo indica, “até mesmo as mais simples substâncias químicas necessárias para a vida parecem requerer enzimas altamente complexas e moléculas DNA para a sua síntese, e contudo, estas últimas, presumivelmente, pela teoria evolucionista, são construídas a partir destas substâncias mais simples”.<sup>7</sup>

Ou seja, para formar a vida em seu estado mais básico é necessário o DNA e para formá-lo precisamos de proteínas que dependem de DNA para sua produção. Então, afinal de contas, de onde vieram as proteínas necessárias para o surgimento do primeiro DNA?

É justamente neste aspecto que Alister McGrath faz sua declaração no vigoroso artigo “A Ciência eliminou Deus?”, ao afirmar que “paradoxalmente, o ateísmo em si mesmo surge como uma fé, possuído de um notável grau de semelhança conceitual com o teísmo”.<sup>8</sup> Ou seja, para crer no nada e no ajuste das constantes antrópicas pelo acaso e no surgimento espontâneo de vida temos de simplesmente fechar os olhos e crer, numa atitude de fé.

E o que esses dados científicos que trouxemos pretendem demonstrar? Pretendem demonstrar que a ciência se colocou nos últimos dois séculos como a guardiã da verdade: se um conhecimento pretende ser verdadeiro, deve ser comprovado cientificamente. Neste sentido temos duas colocações importantes para fazer. Primeiro, há uma série de teorias que tem sido ensinadas nas escolas e no mundo acadêmico há várias décadas que não atendem aos próprios critérios do conhecimento científico, mas que no fim evocam um ato de fé. Segundo, a ciência não é dona do conceito de “verdade”, que existiu muito antes da ciência pisar sobre a face da Terra. Existem verdades que não são científicas, como a veracidade de um sentimento, de uma percepção, as verdades subjetivas que povoam o mundo da poesia, das relações humanas e dos afetos.

Isso quer dizer que quando a ciência – e dizendo assim me refiro obviamente aos cientistas que produzem ciência – extrapola sua competência pretendendo abarcar toda a realidade, incorre em uma falta contra si mesma pois a ciência não pode explicar o propósito por trás da existência humana. E por que não pode? Por que a própria ciência escolheu “omitir a categoria do propósito em suas descrições do mundo natural”,<sup>9</sup> o que significa dizer que a própria ciência tem a função de explicar o “como” das coisas, quais as leis e condições envolvidas, “o que” é o universo e assim por diante. Ela explica o que as coisas são e como são, mas a ciência não pode explicar por que são: a ciência não tem ferramentas para abranger a questão dos propósitos e intenções: “A menção de um propósito só faz sentido quando relacionamos a estória que as ciências naturais contam a respeito do mundo com uma estória mais elevada que envolve pessoas, sejam elas humanas ou divinas. Mas a estória que a ciência narra não pode fazer isso por si mesma, por que escolheu (por razões metodológicas, e não filosóficas) omitir a categoria do propósito em suas descrições do mundo natural. Usar os seus resultados para ‘provar’ que não há propósito para a vida e para o universo é como uma prestidigitação maroteira”.<sup>10</sup>

Logo, a ciência não pode comprovar nada a respeito da existência de Deus ou o propósito da vida, tendo em vista que sua metodologia não abarca realidades senão físicas e mensuráveis. Ao mesmo tempo, a ciência não pode dizer que o que está fora do seu quintal “não existe”, pois essa seria uma declaração arrogante e presunçosa, como se o cientista fosse agora o “dono da verdade”. Existem verdades que existem fora do quintal da ciência e que não se submetem aos seus métodos e experimentos. Não há portanto, antagonismo entre fé e ciência, pois cada qual corresponde a uma parte do todo da realidade. Ambas estão conectadas, mas operam em categorias distintas.

Vinoth Ramachandra expõe alguns argumentos fascinantes no capítulo “O Mundo como criação”. Timothy Ferris, novamente citado por Ramachandra: “Como é que então a ciência funciona? A resposta é que ninguém o sabe. É um total mistério – talvez seja o mistério total – a razão pela qual a mente humana pode ser capaz de compreender qualquer coisa sobre o bem mais amplo universo... Talvez seja por que o nosso cérebro evoluiu pelo funcionamento da lei natural de forma que de algum modo ele ressoa com a lei natural... Mas o mistério, realmente, não é que estamos em unidade com o universo, mas é que somos, num certo grau, estranhos a ele, diferentes dele, e ainda assim podemos entender alguma coisa a respeito dele. Por que é assim?”.<sup>11</sup>

Para nós cristãos a resposta é fácil: “Se somos criaturas feitas a imagem do Criador, chamadas por Deus para uma mordomia responsável, não é uma presunção dos homens terem o propósito de compreender o mundo do seu Criador”.<sup>12</sup> Ramachandra cita Albert Einstein: “Sem a crença de que é possível entender a realidade com as nossas construções teóricas, sem a crença na harmonia interior do mundo, não pode haver ciência. Esta crença tem sido e sempre será o motivo básico para toda criação científica”.<sup>13</sup> Ramachandra ainda lembra que “para entrar numa carreira de pesquisa científica a pessoa tem que pressupor que a mente humana é capaz de desvendar os segredos do universo. Você já parou para pensar como é radical essa suposição?”.<sup>14</sup>

Para nós cristãos, fazer ciência é possível pois um Deus pessoal criou o mundo com uma ordem perceptível e como a mente que fez o mundo se reflete em nossa mente tendo em vista que somos sua imagem e semelhança, faz todo o sentido explorar o mundo a nossa volta e fazer ciência: “Fazer ciência é um ato de fé. Embarcar num trabalho científico requer uma básica suposição: há um mundo real fora de nossa mente, o qual é estruturado de um modo ordenado e inteligível [...] Isso é uma consequência da doutrina bíblica da criação ex nihilo”.<sup>15</sup>

<sup>7</sup> RAMACHANDRA, Vinoth. *A falência dos deuses: a idolatria moderna e a missão cristã* – São Paulo: ABU, 2000, p.116

<sup>8</sup> MCGRATH, Alister. Has Science eliminated God? Richard Dawkins and the Meaning of Life – *in S & CB* (2005), 17, p.116

<sup>9</sup> RAMACHANDRA, Vinoth. *A falência dos deuses: a idolatria moderna e a missão cristã* – São Paulo: ABU, 2000, p.109

<sup>10</sup> RAMACHANDRA, Vinoth. *A falência dos deuses: a idolatria moderna e a missão cristã* – São Paulo: ABU, 2000, p.109

<sup>11</sup> RAMACHANDRA, Vinoth. *A falência dos deuses*. São Paulo: ABU, 2000, p.185

<sup>12</sup> RAMACHANDRA, Vinoth. *A falência dos deuses*. São Paulo: ABU, 2000, p.186

<sup>13</sup> RAMACHANDRA, Vinoth. *A falência dos deuses*. São Paulo: ABU, 2000, p.184

<sup>14</sup> RAMACHANDRA, Vinoth. *A falência dos deuses*. São Paulo: ABU, 2000, p.182

<sup>15</sup> RAMACHANDRA, Vinoth. *A falência dos deuses*. São Paulo: ABU, 2000, p.181